



A arte do jardim na paisagem contemporânea

Alice Garcia Vasconcelos Castro¹
Escola Guignard UEMG

Júnia Maria da Fonseca Penna²
Escola Guignard UEMG

RESUMO

A pesquisa faz parte do projeto “MIRADOURO: um olhar sobre a arte contemporânea no contexto urbano”³, cujo objetivo inicial foi buscar por proposições artísticas inseridas no contexto das cidades, que refletissem sobre seu crescimento desordenado e a importância de suas áreas verdes. O estudo iniciou-se a partir da leitura de bibliografia específica, sobre paisagem na atualidade, associado ao levantamento de artistas e obras. No decorrer da investigação, foi realizado um recorte na temática, voltando o olhar para os jardins urbanos. As diversas experiências na temporalidade do jardim, foram vivenciadas por meio de caminhadas, fotografias, oficinas. Essas dinâmicas foram essenciais para compreender as diferentes faces do jardim, que além de armazenar vida, memórias e saberes, pode ser também, um potente meio de expressão artístico e sociopolítico.

PALAVRAS-CHAVE

Arte contemporânea. Paisagem. Jardim

Pensar na problemática do crescimento desordenado das cidades e na falta de áreas verdes e buscar alternativas de urbanizações menos agressivas é um caminho fundamental para garantir um futuro melhor para os centros urbanos e suas populações. Nesse sentido, as diversas áreas do conhecimento têm se esforçado para discutir caminhos viáveis e responsáveis. No caso da arte contemporânea, a reflexão sobre essas questões e a crítica sobre a vida urbana são cada vez mais

¹ Aluna bacharelado em Artes Plásticas na Escola Guignard, Universidade do Estado de Minas Gerais | Rua Ascânio Burlamarque 540, Comiteco, 30315-030 540, Belo Horizonte, MG. Email: alice.0393763@discente.uemg.br. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/4651433301156446> Belo Horizonte, Brasil.

² Doutora pelo Programa de Pós-graduação em Artes em Artes do Instituto de Artes da UERJ. Mestre em Artes Visuais pela Escola de Belas Artes da UFMG. Bacharela em Artes Visuais na mesma instituição. Artista visual e Professora do Departamento de Artes Plásticas da Escola Guignard da Universidade do Estado de Minas Gerais desde 2003 | Rua Ascânio Burlamarque 540, Comiteco, 30315-030 540, Belo Horizonte, MG. Email: junia.penna@uemg.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6116365502991433> Belo Horizonte, Brasil.



abordadas nos trabalhos, com intuito de chamar atenção para determinados assuntos e incentivar a transformação da realidade. Para o estudo sobre artistas e obras relacionadas com as causas ambientais nos centros urbanos, foi essencial compreender, a partir de diversos pontos de vista, a relação do indivíduo com a paisagem e a forma como ele se coloca no espaço e na dinâmica cotidiana.

O entendimento da paisagem como um acontecimento parte do ponto de vista de que ela se dá com a interação entre diversas formas, memórias e vidas que compõem determinada atmosfera. Logo, o indivíduo é parte da paisagem, o que torna esse acontecimento uma experiência de troca e composição do meio. O geógrafo Augustin Berque diz: “A paisagem não reside nem somente no objeto, nem somente no sujeito, mas na interação complexa destes dois termos [...]. E é à própria complexidade deste cruzamento que se apegam o estudo da paisagem” (BERQUE, 1994, p. 5). Ou seja, a exploração da categoria da paisagem traz consigo camadas diversas que podem ser, visíveis, como os formatos e objetos, ou invisíveis, como as lembranças afetivas e as diversas experiências do sujeito, as histórias e as transformações do ambiente, bem como de um devir futuro.

Pensando em um espaço delimitado para aprofundar essas reflexões, realizamos um recorte na temática, para a micro-paisagem jardim e suas diversas faces na atualidade. O jardim pode ser compreendido como um lugar que não deixa de ser urbano e planejado, que pode ser concebido como espaço de encontro e convivência ou envolver expressões artísticas, camadas culturais, sociais e sustentáveis. Um fragmento do espaço urbano, um hiato, amenizador da velocidade da vida contemporânea. Uma pequena paisagem delimitada por seu redor e pela ambiência do entorno, que desloca o sujeito do cotidiano por abrigar sua própria temporalidade, sendo um espaço único devido às diferentes experiências e atividades sensíveis que proporciona àqueles que o usufruem.

A Filósofa Adriana Veríssimo Serrão infere que, “O Jardim concentra as dimensões metatemporal e metaespacial intrínsecas que a paisagem natural exibe por si mesma, mas viradas sobre si mesmo” (SERRÃO, 2008, p. 217). Assim, pode-se compreender a face do jardim que se diferencia do meio pelo qual está inserido, destaca-se e torna-se uma paisagem dentro de uma outra maior, que apresenta dimensões e relações diferentes com o meio e os indivíduos, “jardim é paisagem em pequeno” (Assunto, 1994a, p.126).

Encarar o jardim como paisagem é assumir o caráter unitário desse espaço, se pensarmos que a paisagem acontece pela interação entre sujeito e lugar, cada indivíduo traz consigo suas próprias vivências e interesses. “Nosso olhar pode reunir os elementos da paisagem agrupando-os de um modo ou de outro, pode deslocar os acentos de várias maneiras, ou ainda fazer variar o centro e os limites” (simmel, 1988, p. 238). Aplicando essa colocação, é possível compreender o jardim a partir da ideia de:

“paisagem absoluta: a forma difusa da paisagem individua-se no jardim graças a uma poética de colaboração humana que dá origem não propriamente a uma obra acabada, mas a um espaço com identidade própria, um lugar objeto-subjetivo, modelação humana da autofinalização das formas naturais” (Serrão, 2018, p. 218).



A busca por obras de arte que se relacionam com o tema “jardim” evidenciou a pluralidade de ambientes que utilizam esse meio como mecanismo de expressão. O jardim mostrou-se diverso, construído, habitado e experimentado de formas únicas, sendo um espaço que, principalmente no meio urbano, é fomentador de discussões. Alguns dos trabalhos pesquisados foram selecionados para esse resumo, com intuito de abranger essas diversas formas do jardim na arte contemporânea e na dinâmica das cidades.

Um exemplo é o trabalho artístico de Alexandra Daisy Ginsberg, *"Pollinator Pathmaker"*⁴ (imagem 1) realizado em 2022, em que a artista fez um jardim perto da Galeria Serpentine, no *North Flower Walk Kensington Gardens*, em Londres. Com ajuda de um banco de dados que faz um levantamento sobre as interações entre as plantas e animais da região, a ideia foi juntar arte com tecnologia e criar um espaço com uma vegetação que atraísse polinizadores. O jardim foi crescendo e se transformando através das ações da natureza e dos animais, uma escultura viva que é independente do cuidado humano. O objetivo da artista é criar uma rede de jardins pelo mundo, já que o algoritmo pode ser acessado através de um site, o que possibilita que outras pessoas também criem jardins polinizadores.

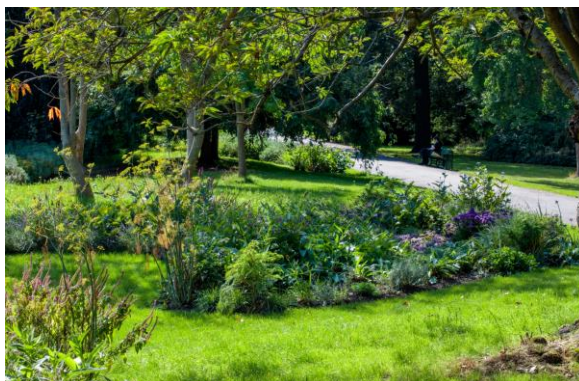


Imagem 1: Jardim *Pollinator Pathmaker*. <https://www.serpentinegalleries.org/whats-on/alexandra-daisy-ginsberg-pollinator-pathmaker/>. Acesso em: 29 abril 2024

No sentido de jardim como praças, que ocupa o ambiente das cidades de forma mais livre como espaço de convívio social e cultural, destaca-se o Jardim de Gabriel Orozco (imagem 2), criado para a *South London Gallery*, em 2016 na Inglaterra. O artista decidiu trazer a ideia de ruína urbana, assim, construiu um ambiente com tijolos espaçados e plantou no meio desses pequenos buracos. Gradualmente as plantas cresceram entre os blocos e o jardim evoluiu para se tornar desconexo e coberto por diferentes espécies: gramíneas, trepadeiras e plantas aromáticas, que foram escolhidas justamente por suas formas e cores. Um ambiente de uso coletivo, de caráter artístico em constante transformação, que levanta reflexões sobre a vida nos jardins e destaca os movimentos naturais das plantas pelo território, um local em que o verde se entrelaça e domina o cimento.



Imagem 2: Jardim Gabriel Orozco na *South London Gallery*. <https://www.stone-ideas.com/pt/52606/south-london-gallery-opens-new-permanent-garden-by-mexican-artist-gabriel-orozco/>. Acesso em: 29 abril 2024

Na intenção de explorar, no meio urbano, a possibilidade da apropriação de espaços já existentes, porém abandonados, a ocupação por meio de plantas apareceu como uma dinâmica forma de ressignificar lugares da cidade, ou seja, integrar a comunidade e o espaço urbano. Nesse sentido, a proposição artística de Teresa Siewerdt se baseia na ocupação de um prédio abandonado, durante sua construção nos anos 1970 por questões estruturais, no bairro Liberdade em São Paulo (imagem 3). Anos depois, em 2014, os problemas no prédio foram resolvidos, mas a obra não prosseguiu. A ideia da artista foi então apropriar-se desse espaço criando um jardim pelos andares, um monumento verde denominado “Jardim Parasita - um lugar para sonhar”⁵. Teresa Siewerdt modificou a dinâmica dos passantes, moradores e trabalhadores da região que puderam utilizar esse monumento para diversas atividades. A denominação “Parasita” também foi uma escolha interessante, já que, além de gerar um desconforto e uma curiosidade, trouxe à tona uma realidade da história da cidade, a presença de prédios e outras construções em situação de abandono, que podem ser apropriadas e transformadas em algo novo.



Imagem 3: Jardim Parasita. <https://teresasiewerdt.tumblr.com/jardimparasita>. Acesso em: 29 de abril de 2024

Outro exemplo de ressignificação urbana é o jardim comestível, denominado "Swale"⁶ (imagem 4), idealizado pela artista e ativista estadunidense Mary Mattingly, em 2016, em Nova York. O trabalho consistia em uma barca modificada e transformada em um jardim flutuante, que fornecia alimentos frescos para colheita na interseção entre arte e serviço público. Esse trabalho reforça a água como um bem comum e trabalha para que os alimentos frescos também o sejam, já que em Nova York é proibido plantar alimentos nas áreas públicas verdes, como parques e canteiros urbanos. A proposta da artista envolveu a comunidade de maneira educativa e social, que incluíam, rodas de conversas e refeições gratuitas e foi um grande incentivo para que a população criasse jardins nas próprias casas.



Imagem 4: Barca "Swale". <https://www.swalenyc.org>. Acesso em: 29 abril 2024

Durante a pesquisa e análise sobre esses ambientes a caminhada tornou-se um mecanismo fundamental para conhecer e interagir com o espaço. Assim, foram realizadas explorações pelo bairro Santa Tereza, em Belo Horizonte, em busca das diversas manifestações de jardins. Entre varandas, janelas, corredores, canteiros, quintais, praças e rotatórias, a memória do cuidado ainda vive de forma muito



expressiva na região. A diversidade de plantas chamou atenção, assim como as diversas formas de organizá-las. Logo, começamos a ver o jardim também como um espaço de expressão, muito pessoal e único. Foi possível adentrar um pouco na história dessas pessoas, materializada em pequenos cantos verdes de suas casas. Plantas que abrigam sabores, funções medicinais, beleza e atributos em suas folhas, raízes e sementes, e que geram conhecimentos particulares, relações profundas de cura e afeto.

Conhecer e fotografar quintais (imagem 5) despertou um interesse especial pela memória, por querer saber não só as histórias afetivas das plantas, mas também, entender suas funcionalidades e receitas. A ideia de “coleccionar” plantas, de entender sua logística particular de manutenção e utilizar suas propriedades, mantendo a saúde e a dinâmica natural do jardim mostrou que, podemos criar laços com as plantas. Cultivar é uma experiência que abriga uma temporalidade própria e uma constância que deve ser acoplada ao dia a dia. Jardinar, sendo um ato individual ou coletivo, demanda presença, e um dos lados artístico dessa ação se encontra, nessa pausa para manter o verde.



Imagem 5: Jardim no bairro Santa Tereza em Belo Horizonte.

Nesse sentido, através da pesquisa, do estudo sobre os artistas e suas obras e a partir de ações, somados à investigação teórica, o jardim apresentou-se como um lugar múltiplo, uma paisagem essencial para os centros urbanos e um importante meio artístico na atualidade. Logo, através de vivências e reflexões surgiram proposições que visam a troca de saberes sobre jardins, a representação desses espaços por meio da pintura, da partilha de mudas e da criação de um ambiente coletivo de cuidado. Pesquisar e conhecer as faces do jardim foi adentrar em outra temporalidade e ser tomada por um cotidiano prazeroso e desacelerador de vida e cuidado.



Imagem 6: Oficina de cartão postal "Paisagens Afetivas"



Imagem 7: Oficina "Brotando Laços" - Centro Cultural Jardim Guanabara. Foto por: Ana Laura Veloso.



Imagem 8: Oficina "Brotando Laços" - Centro Cultural Jardim Guanabara. Foto por: Ana Laura Veloso.

Notas

³ A pesquisa conta com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais – FAPEMIG, Edital FAPEMIG 09/2022, Fortalecimento e Consolidação da Pesquisa na UEMG e Unimontes PROCESSO N: APQ-03420-22.

⁴ Entrevista e texto com Alexandra Daisy Ginsberg realizados pela galeria Serpentine <https://www.serpentinegalleries.org/whats-on/alexandra-daisy-ginsberg-pollinator-pathmaker/>

⁵ Canal da artista Teresa Siewerdt com mini documentário sobre o trabalho artístico <https://www.youtube.com/watch?v=Pmy5m9P5qk0>

⁶ <https://www.swalenyc.org> site do projeto "Swale"



Referências

BESSA, Altamiro Sergio Mol (org.). **A unidade múltipla: ensaios sobre a paisagem**. Belo Horizonte: Escola de Arquitetura da UFMG. Editora: npgau, 2021.

CAUQUELIN, Anne. **A invenção da paisagem**. São Paulo. Editora Martins Fontes, 2007.

SERRÃO, Adriana Veríssimo. Da essência do jardim aproximações a uma categoria filosófica. In: **Philosophica**, [online] n.32, p.5-14, 2008. Disponível em: <https://philpapers.org/rec/VERDED-2>. Acesso em: 5 abril 2024.

SIMMEL, Georg. Filosofia da Paisagem. Universidade da Beira Interior. Covilhã, 2009. In: SERRÃO, Adriana Veríssimo (Coord.). **Filosofia da Paisagem – uma antologia**. Lisboa, Trad. A. V. Serrão et al.. Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2011.